

O BARÃO GERALDO DE REZENDE, UM FIDALGO AUTÊNTICO E  
UM LAVRADOR BENEMÉRITO  
FASTÍGIO E DECLÍNIO DA SUA FAZENDA MODELO - VISI-  
TANTES ILUSTRES - A "ARAMINA"

O nome do Barão Geraldo de Rezende (Geraldo Ribeiro de Sousa Rezende) e a sua benemerência como o maior, o mais fino, o mais completo propagandista da nossa cultura cafeeira e das excelentes qualidades das nossas terras, andam esquecidos, como tantas outras figuras nossas, dignas de acatamento e veneração. Acredito, mesmo, que, se numa reunião de grandes fazendeiros atuais, da casa dos quarentões, se indagar quem foi esse homem, o que fez, o que projetou o que tentou realizar e o que consumiu numa luta extenuante de mais de cinquenta anos na sua fazenda "Santa Genebra", pelo renome do nosso Estado e pelos encantos da cultura cafeeira - poucos estraão habilitados a prestar informações exatas ou, mesmo, aproximadas. A memória dos homens e a fama de sua benemerência passam depressa; o torvelinho que tem sido a vida brasileira neste século, com tantas agitações, tantas mudanças e crises tão seguidas e, mais do que isso, a mutação dos nossos valores economicos, com o surto industrial e as angustiosas crises agrícolas periódicas, apagam esses nomes e essas lembranças com uma rapidez lamentável. Vai nisso uma larga dose de despreço pelo que é nosso, tendência que, todavia, não justifica esses esquecimentos. É oportuno, pois, que os de memória mais fiel ou, pelo menos, os que tiveram ensejo de se por em contáto, embora fugidio, com algumas dessas figuras relembrem suas vidas e suas a-

ções e os apontem à consideração e ao acatamento dos que os não conheceram ou, muito depressa, os olvidaram.

Vamos recordar hoje, como temos feito com outros vultos do passado, em traços rápidos, o vulto verdadeiramente superior do Barão Geraldo de Rezende.

Era o Barão Geraldo de Rezende um fidalgo autentico, fidalgo de título, de educação, de maneiras e de bêrço. Seu Pai foi o Conde, depois Marquês de Valença, Estevão Ribeiro de Rezende, um dos grandes do Império, homem de cultura, nascido em Minas Gerais, formado pela Universidade de Coimbra, magistrado em Portugal e depois no Brasil e que, tendo regressado ao nosso país por ocasião da fuga da família real portuguesa, veio exercer a magistratura em São Paulo, depois de ocupar um posto de confiança de D. João VI num estabelecimento de lapidação de diamantes, contíguo à Casa da Moeda. Vindo à São Paulo, aqui se aproximou da família do brigadeiro Luís Antonio e casou com uma de suas filhas, d. Edilia Mafalda, constituindo-se, por essa forma, centro de grandes e ilustres progenies.

Homem de fortuna, de alto estalão social, pessoa de intimidade e da confiança de D. Pedro II e da família imperial, convivendo em meio de requintada educação, o Marquês educou sua numerosa família com o maior rigor e habilitou-os, pelos cursos científicos, a honrarem esses apelidos. Um filho que tinha o seu nome, Estevão, formou-se em Direito pela nossa Academia, na turma de 1859-1863, aquela célebre e imponente turma a que pertenceram os homens que seriam, mais tarde, os grandes vultos da nossa vida republicana, na propaganda e na atividade dos governos e dos partidos - Campos Sales, Bernardino de Campos, Prudente de Moraes, Rangel Pestana, Francisco Quirino, Salvador de Mendonça, Teófilo Otoni

(o 2º) e aquele infortunado meteóro que foi o poeta Paulo Eiró. Pois foi numa turma de tão altos expoentes e numa época em que as grandes agitações políticas já se prenunciavam, que Estevão de Rezende, filho do Marquês de Valença, fez o seu curso. O irmão Geraldo não se formou em Direito mas, como todos os seus irmãos, recebeu educação aprimorada e manteve alto os foros de nobreza de sua casa, educação, pela cultura e pela retidão de vida, inspirada por um sadio idealismo.

Conheci o Barão e com ele me avistei várias vezes em Campinas no escritório de meu Pai, no "Café de Nhô Bento" (Bento Quirino) e, por duas vezes, em sua fazenda de Santa Genebra, em comitivas estrangeiras que a visitavam, e na casa da cidade em que residia com seu genro, o médico homeopata, dr. João de Assis Lopes Martins.

Em, fisicamente, um belo exemplar humano - claro, bem composto, irrepreensivelmente trajado, já com as barbas e uns longos bigodes grisalhos, compondo-lhe uma figura de um grande poder de sugestão pessoal. Poucos homens tenho conhecido com esse ar de "majestade" na figura, como que emanação natural, sem artificios, sem espaço. Tinha a voz doce e o olhar como que fatigado; pelo que se sabe de sua vida de tantas lutas, esse ar de maior recato em que se fechou nos últimos anos, era consequência da viuvez e do desmoronamento que percebia crescente, mas incoercível, da sua fortuna, num período em que a crise do café chegou a extremos calamitosos.

Ele enfrentou de pé firme a "debacle" e, mesmo pressentindo o seu termo, lutou como um bravo, procurando outras fontes de renda, na atividade agrícola,

das quais pudesse colher elementos para escorar a queda da "preciosa rubiácea" ou, quando menos, atenuar ou retardar seus malefícios.

2%2%2%2

Vamos, porém, recordar o que foi, como que se formou e como se impôs à admiração do mundo agrícola nacional aquele modelo de fazenda de café que foi a "Santa Genebra", situada nas imediações de Campinas e, sem dúvida, durante vinte e cinco anos, a propriedade agrícola mais visitada, mais admirada e mais elogiada por quanto visitante ilustre - diplomata, cientista, militar, político ou estadista - tenha vindo à S. Paulo.

Esse feudo agrícola, com as terras anexas de "Santo Antonio", "Monjolinho" e "S. Geraldo", que se derramavam num e noutro lado do traçado original da linha férrea Funilense (hoje incorporada à E. F. Sorocabana), como um dos seus melhores ramais, tinha aproximadamente 1.250 alqueires paulistas, isto é, cerca de 2.500 hectares. A parte maior pertencera à Marquesa de Valença, de sua herança foi ter a esse seu filho. Tinha sido, até 1850, fazenda de cultura de cana para fabrico de açúcar e aguardente, Geraldo de Rezende, que era moço da Côrte, com educação feita na Europa, frequentando Paris, falando e escrevendo correntemente francês e inglês, sentiu sempre a atração da terra e as seduções da vida agrícola. Viajado, instruído, e curioso por novos modelos de cultura que elevassem o padrão das velhas fazendas que conhecia e frequentava (entre elas algumas da Província do Rio, de parentes chegados de sua família), foi instalar-se na "Santa Genebra", como fazendeiro. Num salto caiu de Paris em Campinas. Alargou as

culturas e adquiriu as terras visinhas de Santa Genebra, do seu cunhado, Luís Antonio de Souza Barros, dignatário imperial. Abandonando a cultura da cana, de que conservou pequena parte para forragem e consumo em pequena escala, ampliou a plantação de café, restaurou lavouras abandonadas e introduziu ali, com espanto e, até, escândalo dos fazendeiros de velha mentalidade, o regime da adubação química, fazendo estudos das várias espécies de terras para o reforço adequado. Outras fazendas houve em S. Paulo, mesmo em Campinas maiores do que a Santa Genebra, e abertas em terras virgens, de maior produção, como a Guatapará, que se deve ao arrôjo e à visão de Martinico Prado e representava, como lhe chamou Assis Brasil, "um verdadeiro condado". Mas pelas alturas de 1870, os 500.000 cafeeiros do Barão Geraldo de Rezende ofereciam uma organização opulenta e se impunham à admiração geral, não apenas pelo carinho do seu tratamento como pela organização que ele empreendera naquela propriedade: casa confortável para moradia, casas novas para os colonos e moradia ampla para a escravaria que era numerosa; máquinas, instalações e bons caminhos. O tratamento dado a seus escravos foi sempre o da maior cordura. O maior pêso da cultura era feita com arado. As safras registradas e calculadas; a escrituração feita com rigor comercial. Tudo aquilo era inovação em que alguns enxergavam arrôjo e lucidez, mas outros consideravam loucura desastrosa...

Com um homem dêsse estôfo, que acompanhava com paixão a vida agrícola da sua fazenda, sem perder contáto com a vida civilizada da Côrte, da capital de São Paulo e do resto do mundo, o ambiente da Santa Genebra tinha que ser um requinte civilizado e cultural, como se conta que era o do "Brejão" de Eduardo Prado. Vi

sitantes ilustres, com recomendação de amigos ou de homens do governo, quando ali iam ter, recebiam uma tão saudável impressão do trato das terras e da opulência das culturas, como do acolhimento dos salões, em ambiente de elegância sem estardalhaço e sem exhibições baratas que só se topam em ricos improvisados no seu ridículo cabotismo. A baronesa, tanto como o Barão, tivera educação igualmente meticulosa. Era filha de uma grande figura do Império, o conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, que chegou, entre outros altos postos, ao de presidente do Supremo Tribunal. Procedia da grande árvore dos Barbosas de Oliveiras da Bahia na qual se entroncava Rui Barbosa, o "primo Rui", como era tratado na intimidade. Por essa trama da parentela pode-se bem calcular o nível cultural daquela autêntica nobreza agrícola, que se movia com o mesmo desembaraço num salão de Côrte ou num dos vastos "pretórios" da fazenda de café.

O Barão, homem compassivo e de bom estôfo humano dando guarida às expansões da sua escravaria, acompanhava os sambas da fazenda, ao tempo em que os motivos daquelas músicas e ritos africanos eram apanhados de ouvido pela baronesa e pelas filhas e depois lançadas na pauta, para registro folclórico.

Compreende-se, por tudo isso, que o seu lema foi, durante toda a vida o de "rumo ao campo". Dessa atividade só se afastou um pouco no desempenho de mandatos legislativos, como deputado geral em duas legislaturas do tempo do Império.

E era deputado geral por S. Paulo, filiado ao Partido Conservador, quando foi proclamada a República.

Desde muito tempo antes da Abolição, vi-

nha ele introduzindo em sua fazenda o trabalho livre, por meio de colônias estrangeiras. Davam os colonos preferência à sua propriedade, devido ao trato civilizado e cordial estímulo que recebiam do patrão e pela proximidade, quase vizinhança de Campinas, então centro agrícola tido como primeiro em São Paulo, o que tornava propícios os pequenos negócios e venda de produtos das roças e áreas de cultura.

Esse espírito empreendedor, de homem civilizado, manifestava-se ainda em todos os cometimentos que trouxessem progresso à cidade e ao município: secundou os Quirino dos Santos e Normanton na fundação da Companhia de Águas e Esgotos, que visava dotar a cidade de Campinas de condições de salubridade e corrigir os males das epidemias que, durante vários anos, a assolaram cruelmente; juntamente com um grupo de lavradores ousados, como José Guatemozim Nogueira, José Paulino Nogueira e Bento Quirino dos Santos, levou à cabo a construção da Estrada de Ferro Funilense, a princípio com a bitola de 60 centímetros, que abriu ao comércio e à riqueza uma vasta zona isolada entre o Atibáia e o Jaguarí. Desse trabalho proveio o Núcleo Colonial Campos Sales, que foi a primeira e fecunda semente do povoado, hoje próspero município de Cosmópolis, contíguo à Usina Ester, que figura entre as nossas mais pujantes organizações industriais do fabrico do açúcar. Ligados por laços de velha amizade aos chefes republicanos, embora militasse o partido Conservador, e monarquista se mantivesse até seus últimos dias, o Barão Geraldo de Rezende fazia política como fazia tudo em sua vida - com elegância, compostura e dignidade.

Dos chefes republicanos um dos seus maiores amigos foi Campos Sales que, quer na presidência de São Paulo, quer na da República, não hesitava em recomen

dar-lhe, para conhecer aquela fazenda-modêlo, os visitantes ilustres que chegavam ao Brasil.

- "O Barão Geraldo de Rezende é o meu para-raio para estes apertos. Ele embasbaca os visitantes com a fazenda e encanta com o trato fidalgo que sabe dispensar-lhes". Ora, essas visitas e recepções custavam caro - e era o barão quem as custeava. Jamais recebeu um auxílio dos cofres públicos, embora a serviço da propaganda do nosso país.

Com isso e com os malefícios da crise, estava arruinado ao falecer, em 1907. Mas enfrentou a adversidade com o decôro e a coragem de um homem de alta linhagem. Dessa luta e de outros episódios falarei ainda em próximo artigo, relacionando alguns dos visitantes mais ilustres daquela fazenda-padrão, que tão largo recomendou o nome do Brasil e a fama de hospitalidade e aprimorada educação da sua gente das velhas estirpes.

## II

Um dos cometimentos em que o Barão Geraldo de Rezende empenhou mais à fundo sua capacidade de organização, seus trabalhos e seu crédito pessoal, e em cuja realização esteve exposto à prejuízos enormes, que lhe trouxeram aborrecimentos maiores do que os prejuízos, foi o da conclusão dos trabalhos da Estrada de Ferro Funilen se que, planejada com início em Campinas, procurando o rumo NE em direção a imensas áreas isoladas dos vales do Atibáia e Jaguarí, entre terras de Mogi Mirim de um lado e de Limeira, do outro, viria abrir à cultura e ao progresso um dos mais férteis celeiros do nosso Estado. O chamado "bairro do Funil" distava de Campinas cerca de

40 quilômetros e a fazenda com esse mesmo nome, resto de uma vasta e antiga sesmaria em 1890 ainda contava uma área de mais de cinco mil alqueires. Desde o tempo da Monarquia andara oferecida à venda sem que os fazendeiros de Campinas, reconhecidamente ousados e progressistas, se abalançassem a abrir cultura e plantações naquela zona tão afastada, devido ao seu isolamento. Constituíra-se uma empresa, a "Cia. Sul Brasileira", cujos fundadores planejaram abrir burgos agrícolas com facilidades a colônias estrangeiras, pois já se sentia que a forma de fixar o colono na terra era dar-lhe terra própria, em boa situação, próxima de centros em que seus produtos pudessem ser facilmente negociados. Para vencer o isolamento daquela vasta área, um grupo ousado (João Manuel de Almeida Barbosa, Francisco de Paula Camargo e José de Sales Leme, conhecido como "comendador José de Sales") fundara uma empresa para construir a estrada de ferro e, com o apoio de alguns outros amigos, entre os quais o Barão Geraldo de Rezende, José Paulino Nogueira, dr. Morais Sales, João B. de Barros Aranha e Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida, coletara um capital de 600 contos atacando sem demora a construção. Isso lá por 1890/91. Veio, porém, a crise do "encilhamento", a desvalorização do milréis, a escassez de "dinheiro virgem" e o pânico das praças, agravando nossa penúria crônica de capitais. E a estrada estacou. Com a estrada estacou, também, o plano de abertura do núcleo. A Municipalidade de Campinas concedeu alguns favores, mas não supriu as deficiências de capital. O Estado concedeu-lhe uma subvenção de 250 contos, igualmente insuficiente. Foi por esse tempo que o Barão, à pedido de amigos, e por ter sido um dos entusiastas iniciais daquela realização, aceitou a direção da empresa ferroviária e deu uma arrancada na instalação do núcleo. Campos Sales estava, então, na presidência do

Estado e, conhecedor como era do plano, do qual, em seu início, o comendador José de Sales, seu sôgro, fôra um dos incorporadores, deu a essa realização o bafejo oficial: e nasceu o núcleo colonial "Campos Sales" (nome de batismo proposto pelo Barão), que é hoje município de Cosmópolis, e dos mais prósperos, com uma população na qual os apelidos dos primeiros colonos se diluem em numerosas famílias brasileiras, em que há fazendeiros, comerciantes, médicos e capitalistas. Sem o apoio decidido de Geraldo de Rezende e o trabalho de José Paulino Nogueira que, para a antiga fazenda do Funil, hoje convertida em "Usina Ester", levou o interesse e o crédito de Bento Quirino e de Antonio Carlos da Silva Teles - tudo aquilo teria fracassado.

O Estado acabou adquirindo a estrada pelo valor da subvenção, e mais um acréscimo para extinguir sua dívida flutuante, aliás exígua - pois os acionistas e fundadores abriram mão de seus créditos e ações e se dispuseram a perder tudo, desde que a estrada fosse mantida em pleno funcionamento, a benefício da sua zona. Esse negocio da China foi, entretanto, atacado no Legislativo pelo grupo partidário que então hostilizava o Governo... Lá pelo ano de 1896, o Barão Geraldo de Rezende, ao tempo em que o Instituto Agronomico era dirigido pelo sábio dr. Daffert, agrônomo e químico de vasto saber que foi o primeiro a estudar, em bases rigorosas, a cultura do café e a adequada escolha das terras para as suas variedades - o Barão cedeu ao Instituto uma área de terras situada na saída de Campinas, deixando-as para uma cultura racional de forragens, cereais, legumes e frutas, a fim de incentivar o gosto pelas pequenas herdades. Era o modelo inicial disso que depois foi chamado de "granjas modelo", com a diferença que tudo era dele e fornecido gratuitamente ao governo.

As granjas aludidas, abertas em terras que hoje pertencem à zona suburbana de Campinas, (Santa Amélia, Santa Elisa e Vila Marieta) com a saída do dr. Daffert, foram abandonadas - e o governo, ao tempo em que exerceu a presidência, interinamente, o dr. Peixoto Gomide, pretendeu cobrar do Barão uma verba, sob pretexto de ter ele auferido lucros naquela exploração das próprias terras... Mas, com um esclarecimento seu, deixaram-no em paz. Um outro homem, em condições iguais, mandaria às urtigas os governantes que, por essa forma, tratavam um patriota daquele estôfo.

Geraldo de Rezende tinha, porém, a vocação do serviço público e do renome da sua terra - e continuou a receber em sua casa, à pedido e com apresentação desse, e dos governos seguintes, quantos visitantes ilustres desejassem conhecer uma fazenda-modêlo. Apesar de tantos solavancos em crises que se apresentavam quase anualmente, o café continuava a manter na economia nacional o posto que Elihu Root proclamou mais tarde de "King Coffe". Não fosse o Barão um fazendeiro de alta estirpe dominado como chegou a confessar, por uma paixão que nunca esmorecera, pela terra, pelos encantos da lavoura, pelas belezas da paisagem estendida sôbre ruas e talhões de café.

2%2%2%2

Em artigo anterior no trecho relativo à orla da "Santa Genebra", e terras anexas, saiu truncado um período inteiro e ligado ao período seguinte, com alteração do sentido e convém agora corrigi-los. Outras fazendas havia em São Paulo e, mesmo em Campinas, maiores do que

a Santa Genebra, abertas também em terras de alto padrão, como a de "Sete Quedas" de J. Bonifácio do Amaral e o bloco que depois pertenceu à baroneza de Anhumas. Eram, todavia, ainda menores do que a Guatapará, que se deva ao arôjo e à visão de Martinico Prado e muito menores do que os latifúndios que Carlos Leoncio de Magalhães abriu em Araraquara, Matão e Ribeirãozinho (depois Taquaritinga) que representavam, como lhes chamou Assis Brasil, "um verdadeiro Condado".

Com essa paixão pela terra e pela cultura cafeeira, não ficava o Barão na perfeição do amanhã das suas plantações, mas procurava a variedade e a boa qualidade e classificação dos seus produtos. Num tempo em que o braço escravo era tudo, acolhera ele na sua fazenda o braço livre, em competição com o outro, e percebia a vantagem do trabalhador contratado. Por isso libertou a maior parte dos seus escravos. E para o preparo do café instalou maquinismos os mais perfeitos que então se conheciam, saídos das oficinas Lidgerwood! Mac Hardy e Arens Irmãos, de Campinas. Esse afã de aperfeiçoamento levou-o a estimular dois brasileiros de notáveis habilitações, os drs. Augusto Carlos da Silva Teles e Luís G. d'Escragnolle Taunay, na apresentação de uma máquina de seca mecânica e a sua instalação deu ensejo a festas e reuniões brilhantes na fazenda.

Para elas haviam sido convidados proceres monarquistas de Campinas e o outro Barão de Rezende (Estevão) que tinha fazenda em Piracicaba e ali desenvolvia, alargando-a para as terras visinhas, a mesma influência civilizadora que o mano Geraldo exercia em Campinas. É altamente sugestiva a comunicação que a Baroneza Geraldo de Rezende transmitiu em carta a uma irmã que residia no Rio, dando-lhe conta do que foram essas festas e o alto inte-

resse que os novos maquinismos trariam para o preparo do café. Mencionando os convidados que compareceram (o Barão de Parnaíba, o coronel Quirino, Cândido Alvaro, Antonio Nogueira Ferraz, João A. Bierremback, Rafael Sampaio e os irmãos Albino e Luís Albino) estranhava a Baroneza que Antonio Prado e nho Lau Ferreira que eram figuras de primeira plana, não tivessem comparecido deixando-se ficar em São Paulo para assistir a corridas de cavalos...

"... terra de lavradores que perdem a inauguração de uma máquina importante como esta, para ver correr cavalos!"

A "Gazeta de Campinas", muito embora folha republicana, dirigida por Chico Quirino, deu em sua edição de 8 de julho de 1884 notícia pormenorizada da instalação, como havia dado das experiências feitas nas oficinas Lidgerwood. Depois do funcionamento do secador e da movimentação das outras máquinas, seguiu-se o programa de festas: jantar, com mesa lauta, grande profusão de frutas da fazenda, baile na casa senhorial e samba no terreiro e nas tulhas, confundindo-se naquelas excepcionais expansões colonos e escravos - música dançada, à fôrça de sanfonas, para uns, e samba com batepé, ao compasso de zabumba, para os outros. Colonos e escravos tiveram mesa com abundantes iguarias e, assim, associaram-se gostosamente ao júbilo dos patrões. Essa simples narrativa, feita por um jornal republicano da época, atesta os sentimentos cordiais que o casal de fazendeiros dispensava ao pewwoal das suas colônias, fossem livres ou escravos.

2%2%2%2

Na exposição regional de dezembro de 1885, que se prolongou até fins de janeiro de 86, e à qual concorreram lavradores de toda a Província, competição progressista a que o governo imperial deu apoio dos mais entusiásticos, enviando a Campinas o Ministro da Agricultura que era o cons. Antonio Prado, o barão Geraldo conquistou as primeiras classificações, não só nas variedades de café, algumas delas de sementes estrangeiras, cultivadas para o trabalho de comparação (Malabar, La Guayra, Costa Rica, Ceilão, etc.) mas em vários tipos de açúcar de cana-rosa, em legumes, em frutas e em madeiras. Era a policultura agrícola em sua mais brilhante e eficiente propaganda. Seguissem os outros esse exemplo dado pelo antigo frequentador dos "boulevards" parisienses, convertido num fazendeiro de talento e de iniciativas tão sedutoras, e a situação da maior parte dos nossos Cincinnatios seria, com os tempos, de fortunas florescentes, libertas talvez, da praga arrasadora das "intervenções governamentais".

Com esse espírito, com essa visão e com o sólido embasamento de uma educação primorosa, num lar austero que a baroneza tornava ainda mais requintado, pelas delicadezas de sua formação social, era a fazenda ponto obrigatório de hospedagem da nobreza imperial, quando alguns de seus membros vinham à S. Paulo e chegavam até Campinas. Em 1886 ali estiveram D. Pedro e a imperatriz, com sua vistosa comitiva. E foram também à Piracicaba, hospedando-se na casa do barão de Rezende, Estevão Ribeiro de Rezende, tratado na intimidade da família, por Etienne.

D. Pedro viera à S. Paulo para inaugurar

as linhas férreas da Companhia Mogiana, ramal de Poços de Caldas, e até Batatais, na linha chamada do Rio Grande, inaugurações essas que se realizaram a 1<sup>o</sup> e a 3 de outubro daquele ano.

A campanha republicana estava no auge e a "Gazeta de Campinas", então dirigida por Carlos Ferreira, após a morte do crepitante Chico Quirino, dando notícia da chegada dos reais visitantes, não perdeu o ensejo para uma referência chistosa, mas irreverente, a D. Pedro que, como se sabe, tinha voz fina e andava em passos miúdos com essa sofreguidão que se nota nos visitantes oficiais ao inaugurarem exposições ou percorrerem obras de govêrno. Em vez de sua majestade imperial, chamavam-lhe "Sua Velocidade Imperial"...

Uma fazenda que recebia visitas de imperadores e de principes deveria, forçosamente, receber outras figuras egregias.

Mas essa relação, com alguns outros dados sôbre a personalidade não menos egregia de Geraldo Ribeiro de Sousa Rezende terá que ficar para o próximo e último rodapé.

### III

Conheci, em Campinas e fora dali, muitos e grandes lavradores de café que aguentaram os embates das tremendas crises que nos têm assoberbado, bracejando como naufragos, mas vencendo pela pertinácia essas incontáveis agruras. Alguns tiveram fortuna e o valimento social que só a fortuna propicia; nalgumas crises caíram do seu fastígio e passaram a pobretões mas, homens de fibra, só por um feitio corajoso e duro, não tombaram em completo desâ-

nimo. Logo depois reagiam, tornavam-se remediados, dali passavam a "riquinhos", expressão corrente nos períodos de melhoria de situação dos prêços, e quando menos se esperava ei-los, de novo, na posse de fortuna maior do que a que haviam perdido. Reanimavam-se, viajavam, davam à família confôrto e largueza de trato. Quando vinha a segunda borrasca, já mais afeitos a essas tormentas, desapareciam de festas e reuniões, metiam-se nas fazendas, cortavam despesas suntuárias e, mesmo, de confôrto comum e aguardavam tempos melhores, enquanto as espôsas e filhas, com coragem e decisão, faziam tachadas de doce e vendiam verduras e frutas, para equilíbrio da economia doméstica. Por tudo isso que sei, que vi e sei de outros, esquecidos mesmo alguns aspectos trágicos de certas situações de decadência nutro um grande respeito e uma admiração que cresce com os tempos, ao recordar passagens e figuras de fazendeiros que só da lavoura poderiam tirar a própria manutenção e só dela podiam auferir rendimentos para cobrir os "deficits" em anos de desgraça.

O barão Geraldo de Rezende, que ocupava situação de destaque entre os nossos lavradores mais adiantados e cultos, enfrentou tempestades e crises dos mais graves e lutou como um bravo até o dia da morte.

Homem culto, homem fino, de educação requintada, filho de gente de pról, casado com uma senhora de igual linhagem familiar e espiritual, e tendo como posto uma família que era centro dos de mais primorosa cultura e de maiores delicadezas afetivas - aquele núcleo de autêntica nobreza rural deveria ter sofrido, mais do que qualquer outro, esses embates tremendos. A fazenda "Santa Genebra", em períodos de crise, representava para o Barão um encargo muito mais grave porquanto, conhe

cida pelas suas modelares instalações, pela variedade das suas culturas e pelos processos inteligentes que orientavam os seus serviços - tudo isso completado pela educação refinada da família, que sabia receber visitantes ilustres e pessoas de alta procedência, e falar na língua dos hóspedes, com desembaraço e naturalidade - tinha ele que carregar com os ônus não pequenos dessas hospedagens e disso só auferia raros e espaçados agradecimentos, quando os recebia, dos homens de govêrno.

Campos Sales que também era fazendeiro, que também curtiu anos amargos e deveu a gestão próspera do "Banharão" ao tino agrícola e ao zêlo de seu irmão, coronel Joaquim de Sales, durante o quadriênio em que se consagrou, integralmente, à restauração das finanças nacionais (esquecendo, por isso, as suas próprias finanças), - Campos Sales sabia avaliar bem o que representava para o Barão Geraldo de Rezende o prestígio da Santa Genebra. Amigo do Barão desde a época monárquica em que militaram em hostes adversárias, sabia avaliar o sacrifício dessas hospedagens repetidas.

Quando na presidência do Estado, em 1898, tendo vindo à S. Paulo um grupo de representantes suíços e alemães, entre eles o ministro alemão no Brasil, foram eles ter à fazenda e o presidente paulista escreveu ao Barão uma carta na qual se devem destacar estes trechos.

"Recebi com muita satisfação a notícia da boa impressão que aí teve o nosso hospede d'Alemanha, pelo que viu no Funil e na sua formosa fazenda. É mais

um serviço que lhe deve o Estado, senão o Brasil, no trabalho de propaganda pela restauração dos seus créditos no estrangeiro. É minha convicção que as visitas de estrangeiros a Santa Genebra e ao Funil têm feito mais e não de fazer mais, nesse particular, do que tudo quanto se há feito até hoje, inclusive o custoso serviço da imprensa.

"Já se vê que não sou ingrato, porque quem reconhece a dívida não é mau pagador.

"Respeitosos cumprimentos e disponha de quem é am<sup>o</sup> af<sup>o</sup> obri-  
gadissimo - Campos Sales".

Logo depois Campos Sales assumia a presidência da República e iniciava, com a pasta da Fazenda entregue à firmeza e à clarividência de Joaquim Murтинho, a grande obra de restauração do crédito nacional. Coincidia esse trabalho com a queda máxima do café, agravada pela desorganização dos nossos mercados e pelo volume esmagador das safras de alguns anos agrícolas. Os governos hesitavam na adoção de medidas corajosas, assoberbados, como estavam, pelos numerosos problemas com que a administração pública se defrontava. A angústia daqueles anos, de 1900 a 1902, pelo mesquinho preço do café-arroba, a agravação dos encargos do custeio, a primeira hipoteca, a devastação de uma chuva de pedras de que igual não

havia notícia, culminou para o barão num outro maior e incurável golpe que lhe fendeu o espírito varonil como o raio costuma fazer às perobeiras solitárias que dominam um capoeirão; foi a morte da baronesa, ocorrida em julho de 1902. Desse desalento nunca mais se libertou inteiramente.

Mas, apesar do golpe que o prostrara, e de todas as vicissitudes que desabavam sôbre a sua organização, continuou a receber hospedes, a homenageá-los, a estudar e oferecer sugestões aos lavradores e amigos que militavam na política estadual e a cuidar, como "ultima ratio", da criação de uma fonte de riqueza que pudesse suprir a miséria do café, até que o excesso das safras e dos estoques visíveis armazenados no estrangeiro, Havre e Hamburgo principalmente, fossem sendo absorvidos e desafogassem os estoques de Santos e das tulhas das fazendas, por esse Interior a dentro.

2%2%2%2

O livro de visitas da fazenda "Santa Genebra" era um dos mais preciosos repositórios de assinaturas, juízos, opiniões e autógrafos que no nosso país jamais se tenha conhecido. A filha mais velha do barão, d. Amélia de Rezende Martins, viúva do dr. João de Assis Lopes Martins, falecida há cerca de um ano, em livro que publicou e no qual coligiu dados minuciosos sôbre a grande e nobre figura de seu pai ("Um Idealista Realizador" - Oficinas do Almanaque Laemert - 1939), reproduziu uma boa centena de visitantes, colhendo-as no milhar de assinaturas que opulentam aquele livro. De

1884 a outubro de 1907 não fez outra coisa aquele fidalgo de alta linhagem e senhoril aspecto senão embelezar sua fazenda e nela acolher gente ilustre, de dentro e de fora do nosso país, na melhor das propagandas que poderia pensar-se da vida agrícola numa organização superiormente instalada. Abre-se o livro com as assinaturas do conde d'Eu, em novembro de 1884, e seguem-se, espaçados os por meses, um turbilhão de personagens das mais diversas procedências: Contre-Amiral Fournier (da Marinha de Guerra francesa); comte. de Lalain, ministro de S. M. o rei dos belgas; W. T. Townes, cônsul americano no Rio (1895) - e, sucessivamente, ministro da Alemanha, Inglaterra, França, Bélgica, Rússia, Italia, Argentina, Repúblicas Americanas, Japão, Espanha, Portugal, em suma, todos os países do mundo. Tive ocasião de acompanhar meu pai em duas visitas à Santa Genebra - uma em 1903, quando ali foram ter os embaixadores da Bolívia, Claudio Pinilla e Fernando Guachalla, que haviam assinado em Petrópolis, com o barão do Rio Branco, o célebre Tratado de limites que, em retificação de linhas divisórias, deu ao Brasil todo o Território do Acre; outra em 1905, quando recebemos a visita de oficiais e altas patentes da Marinha de Guerra da Argentina, que vieram a S. Paulo sob o comando do contra-almirante Bethbeder.

A série de assinaturas e juízos, daquele livro, alguns deles altamente confortadores, para o renome do nosso país, foi encerrada por uma página verdadeiramente comovedora - a das assinaturas dos colonos da fazenda que carregaram o féretro do seu patrão em 1º de outubro de 1907 e assistiram, com essas lágrimas que os corações simples não podem nem sabem reprimir ou disfarçar, à missa de 7º dia celebrada na Matriz Velha de Cam

pinas pelo, então vigário da paróquia, Francisco de Campos Barreto que viria assumir, em 1920, o bispado daquela diocese, após a morte do 1º bispo diocesano, d. João Batista Correia Néri. Os garranchos das assinaturas dos colonos italianos, alguns dos quais vieram depois a ser administradores de outras fazendas ou lavradores em terras próprias, contrastam com as assinaturas lisas, elegantes, autoritárias ou artisticamente desenhadas dos diplomatas, governantes, jornalistas e artistas que por ali passaram - visconde de Ouro Preto, Rui Barbosa, Campos Sales, Luís Pereira Barreto, Carlos Botelho, Bento Bueno, A. Candido Rodrigues, Augusto C. da Silva Teles, José Murtinho, Rodrigo Silva, Antonio Prado e outros e outros.

O último sonho e a última esperança do barão foi a da cultura e aproveitamento industrial da "aramina", fibra que o dr. Augusto Carlos da Silva Teles estudara e cuja utilização indicara ao barão como prodigiosa solução para a derrocada do preço do café. Muito se falou das excelências dessa fibra nativa que naquela fazenda foi sujeita a estudos e experiências com resultados animadores. Ampliada a cultura, fez o barão instalar na fazenda maquinismos especiais, para a fabricação da fibra, destinada à sacaria de café. Era essa, sem dúvida, uma inovação que competia mais ao governo do que a um particular. Mas a fibra nacional não recebeu o apoio indispensável ao primeiro surto industrial; nossas indústrias continuaram a importar juta da Índia e a aramina foi posta de lado. Só mais tarde, quando já estava morto aquele incorrigível visionário de coisas altas e belos planos fagueiros, passaram as fibras nacionais a interessar o nosso mundo industrial.

Com a morte do barão, em outubro de 1907, veio a derrocada do grande e modelar centro de pesquisas e cultura agrícola que foi a sua "Santa Genebra". Pensaram as filhas e o genro em vendê-la ao Estado, pois nenhum destino lhes parecia mais adequado do que convertê-la em Escola Agrícola, aproveitando as bases tão custosamente organizadas em 40 anos de labor incessante. Mas, ao que parece, a excelência dessa aquisição não foi enxergada. E a fazenda, numa execução hipotecária, foi vendida em hasta pública... O café estava subindo, como reflexo do Convênio de Taubaté, ajudado, sem dúvida, por fatores naturais. O café esperou que seu grande amigo e defensor, barão Geraldo de Rezende, cerrasse os olhos, num colapso cardíaco, para reconquistar sua posição no primado das finanças nacionais.

E o credor que adquiriu em praça aquela fazenda, apurou, na primeira safra, lucro superior ao total da dívida, seus juros e mais encargos.

Desmantelou-se, num executivo hipotecário, não apenas o projetado "Núcleo Colonial Barão Geraldo de Rezende", mas um centro de cultura dos mais perfeitos, cultura da terra, do campo e do espírito. O nome do barão não desapareceu nesse desastre, e ainda emerge, na lembrança dos que o conheceram, como se impõem aos que estudarem essa vida tão patrioticamente inspirada que fez quanto lhe coube pelo renome de sua terra, sem cogitar de recompensa outra senão a satisfação de um dever bem cumprido.

A filha do barão, d. Amélia, ao fechar a biografia do pai, que foi estudo, não da pessoa, mas da

época em que ele viveu, pede ao padre Antonio Vieira uma de suas candentes expressões e as aplica ao barão com justeza flagrante: "Se serviste vossa pátria e ela vos foi ingrata - fizestes o que devíeis, e ela o que costuma..."

Correio Paulistano, 21, 28-XI  
e 5-XII-1948